

Educação em saúde para a comunidade surda

Maria de Fátima Ferrari¹
Regina Célia Nascimento de Almeida²

Educação em saúde para a comunidade surda: um projeto de inclusão social

O processo de inclusão educacional e social do surdo perpassa a acessibilidade aos direitos universais baseados nos princípios da igualdade e equidade na saúde. A trajetória da educação em saúde no INES tem um marco em 1989 com a elaboração de Projetos sobre HIV/AIDS. Todo o processo de conhecimento é uma construção coletiva que envolve os professores ouvintes, os educadores surdos (assistentes educacionais) e os alunos do CAP-INES. A nossa visão de ensino em ciência da saúde é de cunho informal e formativo e, então, em 2004 a instituição formaliza esta prática pedagógica com a criação do Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo-NOSS. Atualmente atendemos o corpo discente do INES e desenvolvemos algumas ações voltadas à comunidade surda, à assistência técnica para profissionais da educação e da saúde e, também, produzimos material didático especializado sobre saúde sexual e reprodutiva. Num contexto educacional bilíngue em que se prioriza a cognição e a pedagogia visual, a LIBRAS como língua de instrução e o par competente como educador-instrutor, todos somos atores sociais no processo ensino-aprendizagem. Apresentaremos, a seguir, o mais recente material didático produzido pelo Núcleo: *Sinalizando a Prevenção das DST/Aids*. Este manual representa para o "NOSS" mais uma das conquistas da pessoa surda e também um marco em seu processo de inclusão e emancipação social.



Instituto Nacional de Educação de Surdos

Nele, 90% das páginas são compostas por imagens, são fotos e desenhos coloridos de diversos tamanhos. A capa e o pôster são fotografias que têm como modelos e fotógrafo o educador surdo, e a maioria das ilustrações também foram feitas por uma educadora e desenhista surda. É importante ressaltar que todos os profissionais têm experiência em educação em saúde na temática da sexualidade. Não poderíamos deixar de, envaidecidamente, homenageá-los neste momento, vislumbrando a criação da foto da capa, de modo que esta pudesse expressar, por meio de imagens, a forma especial de ser da pessoa

¹ Professora de biologia do INES desde 1985. Pós-Graduada em psicomotricidade e magistério na área da surdez. Mestre em ensino de ciências da saúde e do meio ambiente.

² Professora de biologia do INES desde 1982. Pós-Graduada em magistério na área da surdez. Mestre em ensino de ciências da saúde e do meio ambiente. Doutoranda em educação, difusão e gestão em biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ.

surda, como ela percebe e fala a realidade, como ela está no mundo. Procurou-se retratar os diferentes olhares sobre a surdez, a educação de surdos, a educação da mulher, a sexualidade da mulher, a diversidade racial e cultural e as novas conquistas no tempo histórico. Enfim, mostrar o que a pessoa surda traz em sua essência, seus sentimentos, valores e crenças, sua linguagem interior tão ricamente expressa pelo seu olhar, pelo seu corpo, pelas suas mãos, pela sua língua: a Língua de Sinais. A foto da capa também pretende retratar o engajamento da comunidade surda nos movimentos sociais de discriminação do surdo, da mulher, do negro, procurando contribuir com a visibilidade destes sujeitos multifacetados na sociedade atual.

Para ilustrar os diferentes olhares e as novas conquistas ao longo do tempo, ressaltamos a evolução das concepções sobre a surdez, a pessoa surda, a educação e a sexualidade das mulheres com um trecho do *Compêndio para o ensino dos surdos-mudos* escrito por Tobias Leite em 1881, então diretor do Instituto dos Surdos-Mudos (o INES).

A surda- muda não educada não causa à família e a sociedade os males que causam os surdos mudos. A razão é óbvia: criada no aconchego da família da qual nunca se afasta, habituada desde tenra idade aos misteres e trabalhos domésticos, contida até certo ponto pelos exemplos das pessoas do mesmo sexo, da mesma idade, não afronta a moral, não ataca a propriedade, nem se entrega aos vícios. Mas seus direitos à instrução, iguaes aos do sexo masculino, a sensualidade precoce a activíssima inerente a surdo-mudez, e mais que tudo, a sua missão de futura mãe fazem de sua educação uma necessidade imperiosa. [...] Como preparatório lembro a inclusão nos programas das escolas normaes para professoras do ensino dos methodos para educar surdas-mudas, e a diffusão em larga escala de livros elementares que habilitem as mães e a qualquer pessoa de boa vontade a iniciar a instrucção dessas infelizes. (LEITE, 1881)

Como se pode constatar, houve grandes conquistas no sentido da emancipação social da pessoa surda, mas ainda temos muitos desafios. O ensino bilíngue e a LIBRAS estão presentes nas leis e políticas públicas para a educação de surdos. Temos muitos profissionais surdos atuando em todos os segmentos escolares do INES e em outras instituições de educação. As escolas de educação básica e as universidades começam a se preparar para receber os alunos surdos com a contratação de profissionais surdos para o ensino da LIBRAS e também de tradutores-intérpretes da LIBRAS e língua portuguesa. Contudo, muitos são os desafios; ainda temos muitas lutas e discussões, a legalização profissional e a capacitação dos tradutores-intérpretes de LIBRAS-língua portuguesa, a capacitação destes profissionais e dos professores, e a elaboração de projetos político-pedagógicos, bem como ações que efetivamente contribuam para a inclusão social e educacional dos diferentes sujeitos surdos, e ainda o surdo-cego e os surdos com outras possibilidades associadas.

Por todas as razões anteriormente citadas, criou-se uma foto na capa do manual *Sinalizando a Prevenção das DST/AIDS*, onde aparecem dois profissionais surdos que trabalham no NOSS – uma mulher negra e um homem branco, jovens, abraçando-se, entreolhando-se; suas mãos repousam em seus corpos, sinalizando: “Eu te amo”. Também ao final do manual há um pôster a ser destacado. Nele aparece quase a mesma imagem, porém no dedo polegar de uma das mãos da mulher está posta uma camisinha masculina e ele corresponde ao sentimento dela dizendo que também a ama. Essas imagens, da capa e do pôster, desvelam representações e significações, sentimentos, crenças, valores e informações relacionadas à inclusão racial e linguística, discussão de gênero, protagonismo social e prevenção, procurando ainda sensibilizar a comunidade surda, para que os surdos se vejam atores de sua história, da história dos surdos, da história da humanidade; se encorajem a construir seus projetos de vida e a acreditar e ir em busca de seus sonhos, de seus direitos, com autoconfiança, esperança, fé e atitudes conscientes e responsáveis.

Este manual, *Sinalizando a Prevenção das DST/AIDS*, que será disponibilizado à comunidade surda e aos profissionais da educação e da saúde, foi elaborado pela equipe do Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo, o NOSS. Este núcleo desenvolve um projeto de Educação em Saúde no INES e tem como objetivo a inclusão social através da acessibilidade e equidade nas áreas da educação e da saúde, contribuindo para o exercício da cidadania e a emancipação social da pessoa surda.

Entende-se que o processo de inclusão social da pessoa surda significa dar-lhe visibilidade e condições de participação comunitária através do oferecimento de oportunidades, da eliminação de barreiras e do desenvolvimento de competências, valorizando as suas potencialidades.

As ações do NOSS estão voltadas para a promoção integral da saúde de crianças, adolescentes, jovens e adultos surdos sob uma abordagem holística da saúde, isto é, considerando-se as dimensões biopsico-socioculturais e espiritual. Este último aspecto, no sentido de contribuir na reflexão sobre as relações homem-natureza e homem-sociedade, busca contribuir na ressignificação de *ser humano*, fundamentada nos princípios da ética, da honestidade, do respeito, da justiça, do amor, da solidariedade, da cooperação, do convívio social saudável e em copertinência com a natureza.

Sua origem se remete a uma atividade extracurricular desenvolvida inicialmente pela prof.^a Regina Célia, que sensibilizou e convenceu a equipe da Fundação Roberto Marinho a permitir a participação do INES no Projeto Ciranda da Ciência, um projeto de iniciação científica para alunos de ensino fundamental, 2.º segmento, promovido por essa Fundação em parceria com a Hoescht. O projeto consistia na seleção e apresentação dos melhores trabalhos de pesquisa desenvolvidos por alunos de escolas públicas de cada estado do Brasil. Dentre os inscritos, os trabalhos do INES foram selecionados entre as escolas do estado para representar o Rio de Janeiro por vários anos, de 1989 a 1994 na Mostra Nacional da Ciranda da Ciência, no SESC, em São Paulo, cujo público-alvo era a comunidade do bairro de Pompeia. Em 1994

foi realizada a última participação de nossos alunos com o trabalho sobre AIDS, que culminou com a criação da Oficina de Saúde no INES. Como houve uma ampliação de nossas ações, ultrapassando as portas da Instituição, isto é, formando-se parcerias também com profissionais e instituições ligadas à saúde, deixou de ser somente um projeto pedagógico com atividades extracurriculares para os alunos do CAP; logo, em final de 2004, foi criado o Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo (NOSS).

Apesar de tratar de diversos temas da saúde, o foco principal do Núcleo está na temática da saúde sexual e reprodutiva. Aos alunos de ensino fundamental e médio são oferecidas informações sobre sexualidade e espaços de discussão, reflexão e atividades interativas que levam o aluno ao questionamento sobre valores, posturas e tabus referentes a relacionamentos e comportamentos sexuais. Desta feita deseja-se auxiliá-los na construção de uma visão positiva da sexualidade, no desenvolvimento de uma comunicação clara nas relações interpessoais, na elaboração de seus próprios valores a partir de um pensamento crítico e questionador, como também, na tomada de decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual atual e futura. Outros temas foram discutidos, como alcoolismo, drogas, nutrição, doenças sexualmente transmissíveis, diabetes, câncer e doenças epidêmicas como a dengue e a gripe suína. Também abordamos conceitos de anatomofisiologia celular, do sistema imunológico e sanguíneo, conhecimentos importantes para compreensão do desenvolvimento dessas doenças. Todos esses temas são tratados em palestras, murais, cursos e no atendimento individual.

As ações do NOSS estão fundamentadas na filosofia educacional bilíngue e na abordagem sociointeracionista de Vygotsky; então os aspectos culturais, linguísticos, afetivos e identitários norteiam nossas atividades pedagógicas.

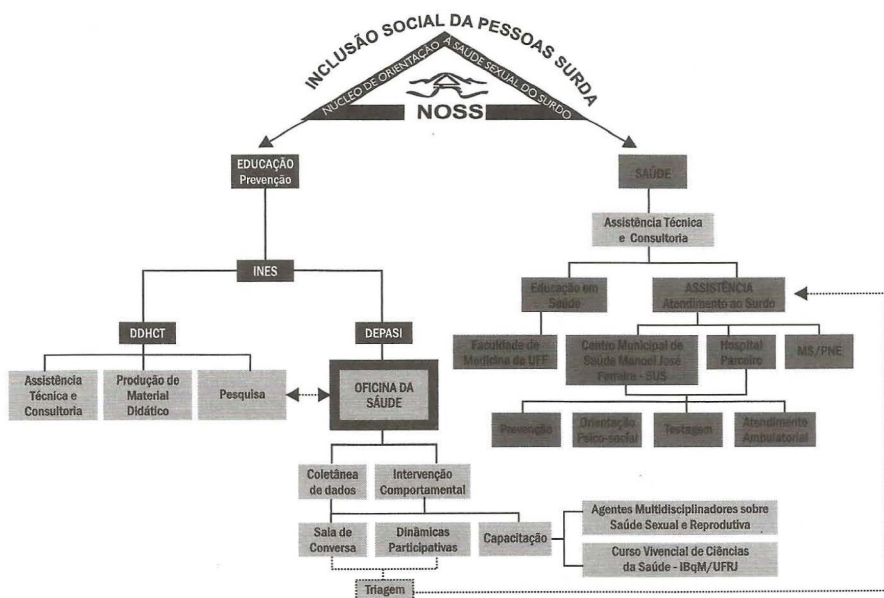
Na metodologia da orientação sexual, todo o processo de construção e reconstrução do conhecimento é mediado pelo par competente, os assistentes educacionais surdos, preferencialmente bilíngues, do sexo feminino e masculino. Estes profissionais têm uma grande relevância na abordagem metodológica do Núcleo. Desempenham vários papéis, todos de fundamental importância. Assim como nas políticas públicas de saúde, o NOSS, desde sua atuação original (1994), tem como princípio filosófico a efetiva participação de membros da comunidade-alvo na sua equipe de profissionais. O sujeito surdo é ator no processo de promover educação em saúde. Este engajamento propicia a cumplicidade, o comprometimento da própria comunidade. Os alunos surdos se reconhecem em seus pares, favorecendo a credibilidade e a confiança no serviço prestado e na equipe que desenvolve o trabalho. Além disso, os educadores surdos se apresentam como modelos emancipados de surdos jovens e adultos, como agentes multiplicadores de informações, como pares competentes que oferecem degraus facilitadores no processo de construção de conhecimentos e de ressignificações de conceitos e valores, por meio da dialogicidade promovida pela tríade professor ouvinte/educador surdo/ aluno surdo. O profissional surdo utiliza-se da sua própria trajetória e experiências de vida, mostrando-se como ser humano, com dificuldades e potencialidades, erros e acertos, sem respostas prontas, mas com conhecimento e acolhimento.

Estas interações entre alunos surdos e educadores surdos propiciam, também, uma contribuição na construção da identidade e cultura da pessoa surda.

As professoras de biologia especializadas na área da surdez e no ensino de ciências da saúde e do meio ambiente, com olhar de pesquisadoras, coordenam e orientam todas as atividades. A análise, avaliação e reformulação das atividades são discutidas por toda a equipe. As professoras também são responsáveis pela capacitação, em serviço, dos profissionais surdos. A convivência diária entre os profissionais surdos e ouvintes, aliada ao longo tempo de atuação das professoras em atividades didáticas com os alunos surdos, enriquece e amplia a construção de metodologias e materiais especializados, visto que se une aos saberes e às experiências pedagógicas das professoras e dos educadores surdos a forma peculiar de ser da pessoa surda e de perceber e interpretar a realidade que fundamentalmente se dá por meio da cognição visual, o que deu origem à criação de uma língua espaço-visual, a Língua de Sinais.

Além disso, ao capacitar os educadores surdos, estamos propiciando a ressignificação de suas representações sociais sobre saúde, doença, sexualidade, sexo, gênero, violência e outras concepções, promovendo um novo olhar sobre a sua prática pedagógica e a constante reconstrução da mesma.

A ampliação das ações do NOSS ocorridas na trajetória da educação em saúde levou-nos a construir um organograma e fluxograma, objetivando dimensionar as ações e o funcionamento do núcleo, conforme mostrado a seguir.



O NOSS tem duas vertentes de atuações: uma na área da educação e a outra na área da saúde.

Na área da educação o núcleo desenvolve três ações: **produção de material didático, oficina de saúde e capacitação.**

Dentre os materiais didáticos elaborados pelo Núcleo foram publicados pelo INES: dois filmes – *Você sabe o que é AIDS?* em parceria com o Projeto Sinais de Vida da UERJ (1998) e *Sinalizando a sexualidade* (2005). E o terceiro filme encontra-se em fase de construção. Este trata da temática de aleitamento materno. Os filmes apresentam uma abordagem bilíngue, portanto, podem ser utilizados tanto com surdos quanto com ouvintes. Os atores são surdos e usam LIBRAS, há legenda e áudio. A fim de atender também o público de baixa visão ou cego, pretende-se incluir, no futuro, a audiodescrição.

Além dos filmes foram publicados o manual *Surdo sabe o que é AIDS?*, em parceria com o Projeto Sinais de Vida da UERJ (1998), e dois livros didáticos: *Vivendo Ciências* (2007) e *Sinalizando a prevenção das DST/Aids* (2008).

Na educação, as ações pedagógicas sobre a temática da sexualidade são desenvolvidas pela Oficina de saúde, que tem o objetivo de promover a saúde integral, com ênfase na saúde sexual e reprodutiva, reduzindo os riscos aos quais a população surda encontra-se mais exposta, como gravidez precoce e/ou indesejada, DST/Aids e as diferentes formas de violência. A vulnerabilidade desta comunidade é decorrente das barreiras linguísticas impostas, pois grande parte das campanhas e informações sobre saúde são veiculadas em língua portuguesa, e a maioria dos surdos não tem domínio instrumental da mesma. Também são realizadas palestras e *workshops* sobre temas variados relacionados à saúde, como já dito anteriormente.

A Oficina de saúde atende aos alunos do Colégio de Aplicação do INES, dando prioridade àqueles com idade a partir de dez anos. Esta faixa etária, segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), caracteriza o início da população jovem. Até o momento nossas ações estão voltadas aos estudantes do 1.º ano do ensino fundamental até o ensino médio. Pretende-se, no futuro, desenvolver atividades com as crianças da educação infantil e com os alunos dos cursos profissionalizantes da Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional (DIEPRO) que são oriundos da comunidade surda em geral. A Oficina promove atividades de *intervenção comportamental* em espaços de acolhimento e reflexão, tais como:

- Sala de conversa – espaço onde o surdo expõe suas dúvidas e vivências problematizadas para o profissional de sua escolha, podendo ser as professoras ou os educadores surdos. Cabe ressaltar que os profissionais surdos recebem a maior demanda de atendimentos. Os dados são anotados em um formulário próprio para registro desse atendimento. Na maioria das vezes os alunos solicitam esclarecimentos/informações sobre a temática da sexualidade. O atendimento é realizado individualmente ou em pequenos grupos. Os alunos recebem a orientação conforme a sua necessidade. Há casos especiais que necessitam de um atendimento sistematizado por um período mais longo. Como exemplo tem-se o caso de um aluno cuja problemática foi trazida ao NOSS por sua mãe, que já havia esgotado todos os recursos para orientar seu filho a lidar com a diabetes instalada desde a mais tenra infância. O primeiro passo da equipe foi estudar o assunto. Isto é

feito por meio de textos, imagens e filmes selecionados na internet e/ou em livros. As professoras e os assistentes educacionais interagem para construir os novos conhecimentos. Após esta aprendizagem traça-se um programa de orientação ao aluno. Quando o caso é levado ao NOSS por um familiar ou professor, há uma fase de *sedução*, ou seja, o profissional surdo passa a criar encontros ocasionais com o aluno, objetivando um primeiro contato casual, parecendo despretenso, porém cheio de intenções, cujo objetivo é despertar no aluno a vontade de receber apoio e orientação do Núcleo. Depois de alguns encontros, verifica-se o momento certo, ou seja, quando a confiabilidade foi instaurada, para falar especificamente sobre a problemática. A partir desse momento, se for *desejo do aluno, vamos atendê-lo* periodicamente, oferecendo-lhe todas as informações sobre o assunto: o que é, como tratar e como reduzir os danos causados pela doença, até que seja negociado o término do atendimento.

Outros casos necessitam de encaminhamento à Direção do Colégio de Aplicação para estudo e acompanhamento de uma equipe multidisciplinar. Outros são casos para encaminhamento ao Centro Municipal de Saúde, objetivando o atendimento ambulatorial.

Há casos e temas trazidos pelo professor da turma. Geralmente se cria uma dinâmica de grupo sobre a temática apontada pelo professor e esta poderá ser aplicada em todas as turmas do segmento escolar.

Em todos os casos anteriormente citados mantemos contato com professores, inspetores, pais e outros envolvidos para acompanhamento e avaliação dos resultados de nossas ações. Este procedimento vai gerar novos subsídios para reestruturação do atendimento.

Outro espaço de reflexão sobre ideias, atitudes e valores são as *dinâmicas participativas*, em que são oferecidas dinâmicas de grupo, *workshops* e palestras para todos os alunos do CAP-INES, desde o ensino fundamental ao ensino médio.

As dinâmicas de grupo são realizadas turma a turma, e os temas são determinados pelo NOSS, baseando-se nas temáticas levantadas nas salas de conversa, apontados por professores, assistentes de alunos (inspetores) ou assistentes educacionais surdos, conforme as necessidades do grupo ou, ainda, trazidas pelos pais. Selecionado o tema, a equipe faz uma pesquisa em manuais de dinâmicas de grupo e as realiza com jovens que ouvem. Faz-se uma adaptação ou cria-se uma nova atividade. Elaboram-se o planejamento da atividade e os materiais didáticos necessários. Podem ser utilizados filmes, *datashow* criado pela equipe, peças anatômicas, materiais elaborados pelo NOSS ou os que são utilizados com o público em geral. Quando há exposição do conteúdo sistematizado em *datashow* (com imagens, movimentos e língua portuguesa), esta é precedida de ensino vivencial.

Todas as atividades são planejadas e desenvolvidas, respeitando-se a faixa etária e o nível de maturação de cada turma. No desenvolvimento da dinâmica o educador surdo é o facilitador, cabendo às professoras a observação do discurso dos alunos e

a percepção dos seus sentimentos e valores. Tudo é anotado num diário de campo. Quando é necessário, a professora faz uma intervenção.

Os *workshops* são atividades interativas que tratam de temas específicos. Como exemplo tem-se a *Oficina de sexo seguro*, que trata do uso correto das camisinhas feminina e masculina e das relações e negociações entre os parceiros. As discussões também são mediatizadas pelo educador surdo.

As palestras são realizadas no auditório para um determinado segmento escolar e contam com a presença de profissionais parceiros como médicos, enfermeiros, alcoólicos anônimos e a psicóloga do INES. Sempre com a presença do tradutor-intérprete de LIBRAS/LP.

As situações-problemas manifestadas pelos alunos durante as atividades de intervenção são analisadas e, quando necessário, encaminhadas para sociodiagnóstico e atendimento ambulatorial no posto de saúde conveniado.

Além do desenvolvimento de atividades pedagógicas, no espaço físico do NOSS seus profissionais e seus materiais ficam à disposição dos alunos de segunda a sexta-feira, manhã e tarde, e quarta-feira, tarde e noite, para visita, esclarecimento de dúvidas e manuseio de materiais. A sala do NOSS está localizada no prédio central do INES, bem próxima às salas de aula, facilitando o acesso dos alunos.

Também foram realizadas reuniões e palestras para os pais sobre sexualidade, com a colaboração da psicóloga Roberta Pinheiro, da Divisão Psico-Sociopedagógica do INES.

Ainda na vertente da educação, o NOSS oferece *capacitação para surdos*, com o curso de agentes multiplicadores de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Este curso é oferecido para profissionais surdos e para alunos de 8.º e 9.º ano do EF e do EM do INES e de outras instituições do território nacional. Este curso foi produto final da dissertação de mestrado em ensino de ciências da saúde e do meio ambiente, desenvolvida pela Professora Regina Célia, Coordenadora do NOSS. A carga horária do curso é de quarenta horas, distribuídas em uma semana. O programa do curso inclui os seguintes conteúdos: sistemas reprodutores, feminino e masculino: anatomia e fisiologia; os fenômenos biológicos e psicológicos que envolvem a fase da puberdade; ovulação, menstruação, gravidez, ejaculação; métodos contraceptivos; DST/AIDS; mitos e crenças referentes à sexualidade, orientação sexual e discriminação e, por fim, postura do agente multiplicador, ética, respeito e sigilo. Antes de iniciarmos as atividades didáticas do curso, é aplicado um pré-teste e ao final do curso um pós-teste, ambos em LIBRAS e língua portuguesa. Neles constam perguntas de múltipla escolha, objetivando verificar se o aluno está capacitado para ser um agente multiplicador. Aqueles alunos que não alcançam os objetivos do curso recebem uma declaração de participação. Este curso é oferecido gratuitamente a todas as instituições que encaminharem seu pedido ao INES, via ofício dirigido à Direção-Geral.

Os profissionais do NOSS também desenvolvem estudos e pesquisas como: *Sinalizando a sexualidade*: uma proposta pedagógica de intervenção na comunidade surda, *Percepção das pessoas com deficiência sobre a acessibilidade do encontro*

com *profissionais da saúde*: a acessibilidade percebida no encontro entre surdos e profissionais da saúde, em colaboração com a UFF, e *Projeto de inclusão*: curso experimental de ciências da saúde para surdos, com o IBqM/UFRJ.

O NOSS presta assistência técnica a outras instituições, apresentando a abordagem de educação em saúde desenvolvida no INES. Neste sentido também atua no Curso de Capacitação de Professores dos Anos iniciais do Ensino Fundamental que é realizado no INES.

Também oferece estágio a surdos de ensino médio e de graduação em biologia e capacitação técnica a graduados.

Na área da saúde a atuação do NOSS é fundamental em função da precariedade de assistência em serviços que atendam às necessidades especiais do surdo nas questões relativas à saúde reprodutiva (gravidez precoce e planejamento familiar) e práticas sexuais seguras. Consta-se que esses serviços não apresentam profissionais preparados para lidar com a comunidade de surdos que, na grande maioria, não têm domínio da língua portuguesa. Em consequência disto, há uma deficiência no atendimento à comunidade surda, comprometendo a saúde e a recuperação dos indivíduos afetados pelas DSTs, em especial pela infecção do HIV.

Na vertente da saúde o NOSS tem três ações: assistência, capacitação e assessoria técnica.

Na assistência temos, desde 2005, parceria com o Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira, no Catete. Este centro oferece atendimento ambulatorial e participação dos adolescentes e jovens surdos nos projetos de prevenção de DSTs e planejamento familiar. Além disso, houve a realização de palestras para alunos de nossa escola.

A atuação do NOSS junto à equipe dos profissionais do Centro Municipal de Saúde acontece através de assessoria técnica e acompanhamento dos casos encaminhados.

Na capacitação nossos alunos participam, semestralmente, de um curso oferecido pelo Instituto de Bioquímica Médica do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, cujo objetivo é promover a inclusão científica e tecnológica de nossos alunos através do aprendizado vivencial do método científico e de temas de biociências e, ainda, dos recursos tecnológicos disponíveis. Além disto, o IBqM oferece, para dois alunos que se destacarem no curso, um estágio em seus laboratórios, participando das pesquisas desenvolvidas pelo Instituto.

Esta parceria foi firmada através de um acordo de cooperação técnica entre a UFRJ/IBqM e o INES/NOSS, tendo em vista o interesse da cientista Prof.^a Dra. Vivian M. Rumjanek em adaptar o Curso de Ensino de Ciências Experimental do Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências, criado e coordenado pelo Prof. Dr. Leopoldo Meis, voltado para professores e alunos de ensino médio. Este curso visa desmitificar o ensino de ciências, de acordo com o lema *aprendendo ciência com quem faz ciência*. Em outubro de 2005 foi realizado um curso piloto cujo tema foi *O sistema imune na saúde e na doença*, para profissionais surdos e ouvintes da equipe do NOSS. Este curso foi ministrado pela Dra Vivian M. Rumjanek e pela doutoranda

Sandra R. Mascarenhas, objetivando a adaptação do curso para os alunos surdos. Em 2006 realizamos o primeiro curso para profissionais surdos e ouvintes (professores e assistentes educacionais) e alunos de ensino médio com o mesmo tema. Em 2007 realizamos o segundo e o terceiro curso, cujo tema foi *Medicamentos x Câncer*. Em 2008, mais dois cursos: *Coagulação: por que paramos de sangrar?* e *DNA*. E em 2009 também *DNA*.

O desempenho e a participação positiva dos alunos surdos nos cursos do IBqM garantiram a permanência das vagas para estágio e a criação, em 2009, do primeiro Curso de Extensão em Biociências para Surdos. A ampliação de oportunidades de acesso à universidade oferecidas pelo referido Instituto, cuja abordagem em educação científica visa incluir o surdo em uma sociedade mais tecnológica, é viabilizada através:

- da criação e implantação de cursos de férias, numa abordagem experimental para o ensino de ciências para alunos surdos do ensino médio;
- do oferecimento de estágios em laboratórios de pesquisa científica do Instituto de Bioquímica da UFRJ para estudantes surdos, capacitando-os para a rotina do trabalho em laboratório e futura inserção neste mercado;
- da criação e implantação de um curso para a formação de jovens surdos em técnico de laboratório de nível médio;
- e do desenvolvimento de estudo sobre a criação no INES de um campus avançado da UFRJ, oferecendo um curso universitário para a formação de pesquisadores em biociências.

Nesse contexto, o Instituto de Bioquímica Médica possui grande experiência no oferecimento do ensino associado à pesquisa; desta forma o aluno aprende a buscar a solução de problemas, procurando caminhos e modificando, rapidamente e sempre que necessário, as abordagens empregadas. Este comportamento é importante não só na ciência, mas na sua atitude frente à vida atual, o que vem ao encontro das ações do NOSS e das necessidades de nossos alunos para o enfrentamento das situações cotidianas.

Na assessoria técnica a profissionais da saúde, desde 2006, o Núcleo atende às solicitações da Professora Dra. Luiza S.M.da Costa, da Universidade Federal Fluminense, atuando no Curso de Medicina e de Enfermagem da UFF, ministrando palestras sobre educação em saúde, sexualidade e surdez no componente curricular Saúde e Sociedade III, como também recebendo a visita dos estudantes de Medicina ao Núcleo. Nesta oportunidade realizamos uma oficina que simula situações reais de enfrentamento da relação médico-paciente surdo, retratando os diferentes sujeitos surdos: os que se comunicam em LIBRAS, em língua portuguesa, os bilíngues e os que usam gestos naturais.

Considerações finais

A visão de saúde do NOSS é sob o prisma do bem-estar físico, emocional e social, e sob estes aspectos a saúde sexual está inserida num contexto genérico de saúde, per-

passando não só pela ausência de doença, mas pelas condições de vida geradas pela desigualdade social e repercutindo na saúde das pessoas. O desemprego, os baixos salários, as dificuldades de acesso ao lazer e à cultura, a má nutrição, a ausência de condições básicas de moradia e higiene, e o baixo nível de escolaridade são fatores que interferem no bem-estar do ser humano e podem gerar o *stress*, a ansiedade, a insatisfação, a frustração e a baixa autoestima e, conseqüentemente, podem afetar o pleno funcionamento do organismo, logo, também a sexualidade.

O projeto de inclusão social da pessoa surda apresentado visa abordar dois aspectos: o direito à informação e o acesso à saúde na temática extremamente sensível da saúde sexual e reprodutiva (sexualidade e de doenças sexualmente transmissíveis) e a abordagem do ensino informal da educação científica na área da saúde.

Considera-se ser necessário ampliar os conhecimentos da pessoa surda, para que ela tenha condições de compreender e analisar, em sua complexidade, os acontecimentos do cotidiano e os impactos causados por suas ações em sua vida. Desta forma pretende-se contribuir na melhoria da qualidade de vida na dimensão individual e coletiva, e na formação de uma consciência responsável pela construção de uma sociedade saudável. Isso seria possível através de uma maior acessibilidade às informações sobre a saúde sexual e uma inserção da pessoa surda na discussão dos problemas sociais referentes à saúde do surdo, como também na elaboração de ações participativas comunitárias e em políticas públicas como ocorreu, recentemente, a participação do NOSS na elaboração do pioneiro Projeto Aids e Deficiência, do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde.

No entanto, de nada servirá essa conscientização, se não for oferecido à comunidade surda acesso ao atendimento especializado nos serviços de saúde, envolvendo intérpretes treinados para esse fim, capazes de inspirar confiança no paciente surdo, para que este possa se abrir, fornecer informações e fazer questionamentos nessa área tão sensível e de foro íntimo que é a sexualidade. Criar um curso de LIBRAS específico para profissionais da saúde e um glossário LIBRAS/ LP com os principais sinais utilizados numa consulta também são ações previstas para efetivar esta acessibilidade. A desinformação dos surdos e o despreparo da sociedade para lidar com eles tem como conseqüência o comprometimento da própria saúde ao apresentarem um alto risco de contaminação de DST/Aids e de propagação do vírus HIV e de outras epidemias.

No segundo aspecto são oferecidas aos alunos surdos condições de desenvolverem o pensamento, o raciocínio, a criatividade e a capacidade de questionar, buscar soluções, de mudança e adaptação, bem como oportunidades para que sejam apresentados à ciência como um processo e não um produto, e a eventual descoberta de novos talentos através dos cursos de férias, estágios em laboratórios com cientistas altamente qualificados, pela confiança em que, melhor qualificados em um campo de atividade em que existe carência em nosso país, esses indivíduos terão maiores possibilidades de inclusão em uma sociedade cada vez mais tecnológica.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. C. N. de. Entrevista: NOSS-Núcleo de Orientação à Saúde Sexual do Surdo. *Revista Arqueiro*, INES, Rio de Janeiro, v. 10/11, p. 56, jan./jun., 2005.

BOURDIEU, P. “Juventude” é apenas uma palavra. In *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marca Zero, 1983.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BULHÕES, P. A. Sinalizando a Sexualidade: uma proposta pedagógica de intervenção na comunidade Surda. Rio de Janeiro, 14 a 16 de setembro de 2005. *Anais do Congresso Surdez e Universo Educacional*. Rio de Janeiro: Divisão de Estudos e Pesquisas do INES, 2005.

CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. In *Comissão Nacional de População e Desenvolvimento*. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas, v. 1. Brasília: CNPD, IPEA, 1998.

_____ et al. *Jovens brasileiros: sexualidade, gravidez e Aids*. Fev. 2003 [no prelo].

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. *Juventudes e Sexualidades*. Ministério da Educação e Cultura/Coordenação Nacional de DST/AIDS/Secretaria Especial de Políticas para as mulheres/Instituto Ayrton Senna. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

_____; _____. *Por um novo paradigma do fazer política: políticas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO, 2003 a.

_____. Produção político-cultural de sexualidade, violência contra as mulheres e o caso da jovem. *Revista Mátria: A emancipação da mulher*. Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação, ed. especial, 2003 b.

COSTA, L. S. M. Determinantes primários do comportamento. In material didático de apoio à disciplina Saúde e Sociedade III dirigida ao curso médico da Universidade Federal Fluminense, 14 p., 2006 [mimeo]. Instituto Nacional de Educação de Surdos.

_____. A educação em saúde e suas versões. In material didático de apoio à disciplina Saúde e Sociedade III dirigida ao curso médico da Universidade Federal Fluminense, 6 p., 2006 [mimeo].

_____. Percepções cotidianas da saúde e da doença. In material didático de apoio à disciplina Saúde e Sociedade III dirigida ao curso médico da Universidade Federal Fluminense, 5 p., 2006 [mimeo].

DECLARAÇÃO DE ADELAIDE. Segunda Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Adelaide, Austrália, 5-9 abr. 1988.

EQUIPE NOSS, Sinalizando a Sexualidade. Material técnico-pedagógico. In: *Revista Espaço*, informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro: n. 23, p. 89, 2005.

FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

_____; CORREA, C. M. C. Bilingüismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e Bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 7-25.

FERRARI, M. F.; ALMEIDA, R. C. N. de (Coord.). Sinalizando a Sexualidade. *Revista Fórum/INES*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 28-32, jul./dez., 2005.

FOUCAULT, M. *A história da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

FREITAS, M. T. A. *Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1995.

LEITE, T. *Compêndio para o ensino dos surdos-mudos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert & C., publicada por ordem do Barão Homem de Mello - Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, 1881.

LOPES, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MONTEIRO, S. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MOREIRA, S. Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: UNESCO, Cortez, 1999.

MOSCOVICI, S. *Núcleo central de representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

NOLASCO, S. A. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento num processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

PAIVA, V. Sexualidade e gênero num trabalho com adolescente para prevenção do HIV/AIDS. In PARKER, R.; BASTOS, C.; GALVÃO, J.; PEDROSA, J. S. (Org.). *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1994.

PARKER, R.; GALVÃO, J. *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996.

_____. O estigma e a discriminação relacionada ao HIV/AIDS. In *Boletim ABIA* maio/agosto, n. 48, 2002.

SKLIAR C. (Org.). *Atualidades da Educação Bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VALLA, V.V.; STOTZ, E. N. (Org.). *Educação, saúde e cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. et al. (Org.). *Saúde e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.